

sobre tudo

PELA INTEGRAÇÃO DA AMÉRICA LATINA: ENTREVISTA COM O PROFESSOR CÉSAR REGIS⁷

Entrevistadora: Fernanda Müller⁸

ENTREVISTADORA: Estamos reunidos num lugar muito especial, a sala do Projeto Córdoba, nesse 25 de outubro de 2018, para conversar sobre os 25 anos de história do Acordo de Cooperação Internacional entre o Colégio de Aplicação da UFSC e a Escola Superior de Comércio Manuel Belgrano da UNC. Como tudo começou?

PROFESSOR CESAR: Era uma época em que discutíamos a criação do Mercosul, na oportunidade também começavam a discutir as festividades dos 500 anos do “descobrimento” da América. Além

⁷ Educador Físico, professor de Educação Física e diretor do Colégio de Aplicação da UFSC. Membro fundador e Coordenador do Projeto Córdoba entre 1992 e 2000. Contato: cmregispsol@gmail.com

A entrevista foi gravada e transcrita na íntegra pelo bolsista e colaborador (PIBE 2018) Gustavo Seemann Koerich.

⁸ Doutora em Literatura pela UFSC e Professora de Língua Portuguesa do Colégio de Aplicação da UFSC. Coordenadora do Projeto Córdoba. Contato: f.muller@ufsc.br

disso, havia toda uma discussão política acerca da globalização, que segmentos da sociedade contestavam, ponto de vista que eu comungava. Também se intensificavam as inter-relações que o turismo trazia, porque Florianópolis começava a ser descoberta pelos turistas da América Latina, principalmente pelos argentinos. Este movimento possibilitou que duas famílias se aproximassem nas horas de lazer – a professora Querubina Ribas Ferreira, de Português, aqui do Colégio de Aplicação da UFSC, e o arquiteto Vitor Hugo de Nicola e sua esposa, Martha Bravo de Nicola, da cidade de Córdoba, na Argentina, que tinham seus filhos frequentando a Escola Superior Manuel Belgrano naquela cidade. Então a professora Querubina conversou com a professora Clarmi R. Figueiredo, que era Coordenadora do Ensino Básico na época, e propôs um intercâmbio entre as duas instituições. Foram convidados mais alguns professores aqui no colégio. Construímos um coletivo interdisciplinar para construir um anteprojeto. Este coletivo tinha gente da área de Português, Filosofia, História, Geografia, Educação Física, das quais faziam parte os professores: Querubina Ribas Ferreira, Claudete Amália Segalin de Andrade, Ana Maria Sabino, Maria de Fatima Sabino Dias, Cleusa Ramos, Jandira de Faria, Deraldo Ferreira Oppa, Joao Tachini e eu. Em linhas gerais foi isso que foi construído nos anos de 1991 e 1992.

ENTREVISTADORA: Qual era o Objetivo Inicial ?

PROFESSOR CESAR: A ideia era discutir a integração dos países da América Latina, começando por Brasil e Argentina, e o fato de termos algumas divergências regionais, uma certa rivalidade na época. Achávamos que os processos educacionais e culturais conseguiam estabelecer um diálogo mais profícuo entre as duas

nações, em relação as questões econômicas. A música brasileira é muito admirada na Argentina, nos esportes há um misto de admiração e de competitividade entre as duas nações. Nosso objetivo passava por diminuir essa rivalidade, sistematicamente alimentada pela mídia esportiva, para aumentar os índices do IBOPE em suas transmissões. Pretendíamos conhecer a Argentina, ver nossas semelhanças e diferenças, ver aquilo que poderíamos acrescentar um ao outro, e dessa maneira crescermos conjuntamente. Criava-se a possibilidade de trocar experiências entre professores, alunos, servidores técnico-administrativos e também na área da organização e da documentação escolar, as quatro áreas que ficaram definidas.

ENTREVISTADORA: Quando foi a primeira vez para Córdoba, o que esperava? Já conhecia essa cidade antes do intercambio?

PROFESSOR CESAR: Não conhecia, não. Alguns membros da Coordenação talvez tivessem realizado essa experiência, mas eu não saberia responder nesse momento quais deles. Vou colocar uma questão pessoal aqui: eu, particularmente, não gosto de viajar, mas sempre viajei. Conheci o Brasil inteiro, e em particular Córdoba, pelas atividades acadêmicas, sindicais e políticas. Isso me fez conhecer um pouco do Brasil e da América Latina, como consequência, principalmente a Argentina. Eu já tinha muita simpatia pela Argentina, para mim, se eu tivesse que escolher uma segunda pátria seria essa, pois eu já tinha uma grande admiração pelos aspectos que eu conhecia desse país. Então nós elaboramos os projetos e submetemos para aprovação nas instituições, sendo consentido que fizéssemos uma viagem para formalizar a proposta.

ENTREVISTADORA: O trabalho ocorreu de modo paralelo o tempo todo?

PROFESSOR CESAR: Sim, o tempo todo, As duas coordenações, assim que se estabeleceu essa relação de amizade entre as famílias, trataram de estabelecer uma relação institucional também. A partir daí se criou uma Comissão Coordenadora do Projeto Brasil em Córdoba, sob a Coordenação da professora Susana Ferreyra, e uma Comissão Coordenadora do Projeto Córdoba aqui, sob a Coordenação da professora Querubina. E começamos a trocar correspondências. Era uma dificuldade tremenda, porque na época era tudo pelos Correios, por telegrama ou fax. A comunicação era muito complexa e demorada. A coordenação de lá preparou uma visita para fazer uma reunião preliminar, e sete docentes do CA-UFSC viajaram naquela oportunidade para conhecer a Escola Superior de Comércio Manuel Belgrano. Ao chegarmos foi só admiração: as diferenças que a gente percebia na dimensão da cidade, na arquitetura, na paisagem. A própria instituição tinha o dobro do tamanho da nossa, tanto nas dimensões físicas da escola quanto no número de estudantes: o dobro de nossa escola. No mais, eram escolas com características próximas, a Escola daqui pertencendo à Universidade Federal de Santa Catarina e a de lá à Universidade Nacional de Córdoba. Fizemos uma visita às dependências da escola, reuniões com a direção, na época a Diretora era Délia Beltran de Ferreira, e assinamos um protocolo, registrando em ata o que faltava para realmente finalizar a escrita do projeto. Na oportunidade era Diretora do CA a professora Terezinha de Fatima Pinheiro.

ENTREVISTADORA: Como o Projeto Córdoba impactou na sua vida?

PROFESSOR CESAR: Ah, conhecer outra cultura é sempre muito interessante. E Córdoba é uma cidade muito bonita, bastante antiga, a primeira universidade da América Latina foi fundada lá. Temos muitos aspectos semelhantes e nossa língua é muito próxima, só uma ou outra expressão gera dificuldade. Curti imensamente o fato de estar em Córdoba.

ENTREVISTADORA: Como foi a relação do Projeto Córdoba com os professores argentinos e brasileiros?

PROFESSOR CESAR: Entramos em um aspecto político, uma parcela significativa de pessoas que participaram da elaboração do projeto tinha um viés ideológico de esquerda. Isso criou alguma, não vou dizer dificuldade, mas alguns encaminhamentos foram mais demorados. Contudo, como o projeto tem uma dimensão educacional e cultural e os dois países tinham interesse nessa relação, não seriam as nossas instituições a impedir um acordo de cooperação internacional naquele contexto. Com o passar do tempo, todas as pessoas que tiveram uma relação com as atividades foram abraçando a ideia, extremamente simpáticos, acreditando no projeto. Então a gente observou bastante otimismo, sinceridade desde a recepção, o que facilitou o desenvolvimento e crescimento do projeto. Entre os professores brasileiros, a gente encontrava algumas resistências ideológicas. Mas as pessoas respeitavam, elas faziam críticas de acordo com o desenvolvimento das atividades acadêmicas, participando e contribuindo para a construção, já que o projeto perpassava por todas as disciplinas do ensino médio. Sobre a participação dos professores argentinos tínhamos limitações para avaliar sua participação, mas nunca tivemos incidentes que pudessem

colocar em dúvida a aceitação das atividades do projeto. Assim, a contribuição de diversos professores, independentemente de qualquer viés político ou ideológico, foi importante para o estabelecimento do Acordo de Cooperação.

ENTREVISTADORA: Como foi sua experiência como Coordenador do Projeto?

PROFESSOR CESAR: No começo, como idealizadora do intercâmbio, a professora Querubina era a Coordenadora. Um intercâmbio entre duas escolas, universidades e países tinha muitos entraves burocráticos no seu encaminhamento e eu gosto da área administrativa – tanto que cheguei a ser Diretor do Colégio de Aplicação, obviamente considerando os aspectos educacionais e culturais – comecei a fazer a parte burocrática, além das discussões acadêmicas e culturais. Reconhecendo o meu empenho, no sentido de colaborar para a construção do intercâmbio, em algum momento fui designado coordenador pelo coletivo. Foi ótimo, uma experiência maravilhosa! Até hoje tenho o reconhecimento da instituição, da universidade, como um professor que ajudou a construir esse projeto. E gostaria também de destacar o período bastante grande e significativo em que a professora Danuza Meneghello coordenou o intercâmbio.

ENTREVISTADORA: Observando tantos estudantes que partilham dessa experiência, o que você acredita que o intercâmbio acrescenta na vida dos jovens?

PROFESSOR CESAR: obviamente eu sou suspeito para falar, mas, sem dúvida o projeto é grandioso e todos os alunos que participaram tiveram um acréscimo significativo de conteúdos

aos quais nunca teriam acesso. Porque eles têm uma experiência extremamente diferenciada, que coloca em evidência distintos padrões familiares, institucionais, educacionais e culturais. Percebem outro modo de vida. Não tivemos um único aluno, por mais que tivesse pouco envolvimento com o projeto, que não tenha sentido um crescimento na sua experiência de vida. Do ponto de vista social, tivemos alunos com limitações financeiras que talvez nunca mais tenham oportunidade de vivenciar a experiência de conhecer outro país.

ENTREVISTADORA: Já tiveram problemas com o intercambio ou com algum intercambista em especial?

PROFESSOR CESAR: Do ponto de vista disciplinar eu não me lembro. Dentro dos entraves burocráticos, daí sim! Por exemplo, um aluno esquecer alguns dos documentos pessoais e os professores ficarem retidos na alfândega. Aqueles com documentação correta seguiam, enquanto se providenciava que a documentação completa chegasse. Já houve também alguns adolescentes que não se adaptaram à família acolhedora, muito mais pelo desconforto dos próprios intercambistas do que propriamente pela recepção das famílias. Porque, lógico, se eles vieram para um país, uma cultura, um modo diferente de viver, era evidente que teríamos que lidar com desconfortos e conflitos, mesmo com todo o trabalho de preparação para tal momento. Esses problemas envolveram muito poucos alunos, só não posso deixar de registrar aqui.

ENTREVISTADORA: Como o projeto impactou no colégio? Que desdobramentos ele trouxe, o que acrescentou para a escola, para o Colégio de Aplicação da UFSC?

PROFESSOR CESAR: Veja só, depoimentos de alunos e professores ao longo dos anos têm apontando diferenças no modo acadêmico de construir o processo educacional. Essas diferenças certamente acrescentaram tanto aos professores quanto aos alunos. Também tínhamos sempre, na recepção e na despedida dos intercambistas, um momento coletivo com a escola inteira, em que as crianças dos anos iniciais também participavam. Tivemos alunos que relataram que seu interesse em participar vinha desde o momento que cursavam as séries iniciais, sonhando em integrar o projeto no futuro, quando tivessem idade suficiente. Também tivemos professores dos anos iniciais que produziram trabalhos acadêmicos envolvendo as crianças e os intercambistas visitantes do ensino médio. Então teve uma intervenção bastante interessante dentro da escola. Mas o principal feito é desmistificar essa rivalidade que supostamente existe entre Brasil e Argentina. Os alunos percebem que nós temos muito mais coisas em comum do que propriamente divergências, fato que poderia facilitar o crescimento conjunto das duas nações. O intercâmbio impactou nas famílias, nas salas de aulas, nos alunos, na própria universidade. Os argentinos participavam, por exemplo, das Olimpíadas do CA. Além disso, ao compararmos o rendimento escolar - aí é uma visão minha! - acho que a população argentina tem um compromisso maior com a literatura, com o processo educacional, isso fazia com que a gente percebesse que eles tinham um bom desempenho acadêmico. A interrelação com os alunos fez com que os estudantes brasileiros percebessem que poderiam igualmente melhorar seu rendimento, então acho que houve uma contribuição significativa.

ENTREVISTADORA: Quais momentos mais marcantes você destacaria na trajetória do projeto, de 1992 pra cá?

PROFESSOR CESAR: O intercâmbio de alunos teve maior sucesso pela facilidade com que se constrói essa história. Os estudantes tinham segurança em participar do projeto, visto que existe uma coordenação que faz todo o processo preliminar da viagem, e sabiam que teria uma coordenação que os recepcionaria em Córdoba, isso facilita muito o intercâmbio. Mas o momento mais marcante, na minha opinião, foi o intercâmbio de professores. Nós tivemos a professora Ana Maria Sabino, que foi lecionar Português lá em Córdoba, participando da organização dos alunos que viriam para o Brasil, e, paralelamente, a professora Raquel Caranza, que realizou em Florianópolis a experiência de oferecer aulas de Espanhol, ensinando essa disciplina aos nossos alunos que iriam para lá. O professor Romeu Augusto Albuquerque Bezerra, da área de geografia, fez uma experiência lá, e a professora Diana veio retribuir a visita discutindo currículo e literatura nessa mesma área. Tivemos a experiência de uma atividade esportiva, em que o professor Antônio Farias Filho levou uma equipe de handebol. Por ocasião das comemorações dos 500 anos do “descobrimento” da América, tivemos uma experiência educacional e cultural, na oportunidade organizamos uma viagem com aproximadamente 40 alunos, acompanhadas de um grupo de professores e servidores técnicos administrativos. Ficamos uma semana em Córdoba, discutindo temas sobre América Latina, integração, desenvolvimento regional, aspectos educacionais e culturais. Após o retorno, recebemos uma delegação de cordobeses da mesma proporção, para realizarmos um evento no Brasil retomando a discussão daqueles temas. Uma

contribuição importante do Acordo de Cooperação foi a implantação da disciplina de Espanhol no CA. Estranhamente, apesar de fazermos fronteira somente com países da língua espanhola, não tínhamos esta disciplina. Mas contávamos com as disciplinas de Alemão, Francês e Inglês. No início, como não tínhamos a disciplina de Espanhol, tivemos uma contribuição bastante importante do professor Diego Arenanza, que de forma voluntária, oferecia aulas preparatórias para nossos estudantes que participariam do intercâmbio.

ENTREVISTADORA: Na sua opinião, o que aproxima brasileiros e argentinos?

PROFESSOR CESAR: A perspectiva de construção de uma cidadania latinoamericana. A clareza que, se a Argentina crescer e se desenvolver, o Brasil também cresce e se desenvolve conjuntamente, e vice-versa. Essa é a mesma perspectiva que temos em relação aos demais países da América Latina. Acredito que, durante os governos de esquerda, houve em nosso continente um salto extremamente qualitativo nessa integração, o aprofundamento e a ampliação do Mercosul, a criação de uma emissora de televisão da América do Sul. Integração de processos educacionais e culturais através de congressos entre as universidades e entre escolas de ensino médio. Nesse sentido, é de se esperar que juntos conseguiremos fazer nossa América muito melhor nos aspectos políticos, econômicos e sociais.

ENTREVISTADORA: Tendo em vista a conjuntura atual, o que podemos esperar do futuro? Um recado final?

PROFESSOR CESAR: (Risos) Veja, é importante que esse projeto continue do ponto de vista discente, docentes, das escolas e das instituições. Toda iniciativa de integração dos países da América Latina é importante. Outras experiências de projetos de integração já aconteceram entre universidades, escolas e até entre cidades. Mas, dentro do viés macro político, vemos com muita preocupação o crescimento de governos de direita por aqui e por toda a região, desconstruindo todo um processo que houve na América nos últimos anos, sobretudo em relação aos direitos humanos e aos indicadores sociais. Vejo com muita preocupação esse cenário, porque sinto que existe um processo internacional dando sustentação a este movimento. Há uma contraposição a uma nova ordem mundial idealizada com a criação do BRICs e de um olhar da América para os países da África. A alternativa conservadora neoliberal percebeu esse movimento e tenta desconstruir essa nova história mundial. Mas é um caminho sem volta, podemos ter ciclos de direita, mas os projetos de esquerda foram bem sucedidos no Brasil, na Argentina, na Venezuela, no Paraguai, na Bolívia, etc. Então, mais cedo ou mais tarde, a população vai comparar o que foram os governos de esquerda e vão perceber que tiveram muito mais avanços do que problemas. Encerro essa entrevista com um agradecimento especial a todas as pessoas que, de uma forma ou de outra, contribuíram para que o Projeto Córdoba fosse viabilizado. Inclusive a você, Fernanda, que nesse momento organiza esse compêndio, resgatando anos de vivências e experiências multinacionais.